

**RACHEL
E ZORION
DE QUINZE**

cameron.

MANUAL DO PROFESSOR

cameron.

RACHUEL ZORRILLO DE QUINZE

MANUAL DO PROFESSOR

cameronL

Elaboração do manual:
Georgina da Costa Martins
Escritora e Professora de Literatura Brasileira

Título	O Quinze
Páginas	208
Autor (a)	Rachel de Queiroz
Idioma	Língua Portuguesa
Categoria	6
Tema (s)	Cidadania; Diálogos com a Antropologia e a Sociologia
Gênero Literário	Romance
Interdisciplinaridade	História, Geografia, Sociologia

Romance vem do latim *romanicus* ou *romanice*, que denominava o falar romance: língua dos povos sob o domínio romano. Com o tempo passou a rotular as composições literárias de caráter imaginativo. Sua característica principal é a de recriar a realidade, interpretando-a; no entanto, essa recriação precisa respeitar a verossimilhança (coerência) interna da obra.

Conversa com o Professor

Caro professor, não temos com este manual a intenção de dirigir sua leitura, tampouco de engessar sua interpretação do livro *O Quinze*. Nosso intuito é contribuir com seu imprescindível trabalho de formação de leitores críticos e atuantes. Sabemos que já houve um tempo em que o livro era valorizado e considerado quase como objeto sagrado, sobretudo por ser praticamente a única via para alcançar o conhecimento do mundo, descobrir os segredos da vida adulta, além de tornar-se instrumento capaz de satisfazer a nossa necessidade de ficção. Atualmente, essa necessidade pode ser satisfeita pelos mais diferentes meios que não o livro, como a televisão, os games e as redes sociais.

Em função disso, muitas vezes tem-se a ilusão de que os livros podem ser dispensados, uma vez que o conhecimento e as informações estão por aí expostos; no entanto, o livro, pode abordar determinados assuntos que não são contemplados por

esses outros meios; seja por uma questão de escolha ou mesmo em função da necessidade própria de cada um desses veículos.

Quando assistimos a um filme que foi adaptado de um livro, por exemplo, caso não tenhamos lido o livro, corremos o risco de perder alguma informação importante ou mesmo de elaborarmos uma interpretação equivocada do tal filme, e em muitos casos, até inverossímil. O mesmo pode ocorrer com outras adaptações, daí a importância dos livros em nossas vidas, tanto para amá-los quanto para criticá-los.

Desse modo é que nossa tarefa de formar leitores nos tempos em que estamos vivenciando é muito mais trabalhosa, uma vez que a competição com outros meios é grande e muitas vezes mais sedutora.

No entanto, por partilharmos da premissa aristotélica de que “Todos os homens tendem por natureza ao conhecimento”, ou seja, em todo homem habita o desejo de conhecer, nos dispomos a elaborar este material para ajudá-lo na tarefa de seduzir os jovens para a leitura.

Quem escreveu a história

No dia 17 de novembro de 1910, em Fortaleza, no estado do Ceará, nasceu Rachel Franklin de Queiroz, filha do advogado Daniel de Queiroz e de Clotilde Franklin de Queiroz. Pelo lado paterno, Rachel era parente do escritor José de Alencar.

Sua família possuía terras em Quixadá e pertencia à elite intelectual do Ceará, terra de vários escritores, como o próprio Alencar. Desde menina vivia cercada por livros, mas sempre sob a supervisão de sua mãe que, preocupada com a formação da filha, não deixava que lesse qualquer coisa. Rachel lembra que uma vez estava em sua rede lendo um folhetim, quando a mãe arrancou-lhe o livro das mãos e o substituiu por *Cidade e as Serras*, do escritor português Eça de Queiroz. Foi desse jeito que se deu a educação literária da escritora.

Quando Rachel estava com 7 anos, em 1917, sua família opta por mudar-se para o Rio de Janeiro para fugir dos horrores da seca de 1915, conhecida em todo o Brasil como a Seca do

Quinze. Ficaram dois anos fora do Ceará, porque a situação estava muito crítica em todo o estado. Em 1917, eles voltam, e Rachel pode completar seus estudos. Forma-se em professora e começa a lecionar.

No ano de 1927, sob o pseudônimo de Rita Queluz, ela envia ao jornal *O Ceará* uma carta ironizando um concurso de rainha dos estudantes, que era muito comum na sua cidade. Sua carta fez tanto sucesso entre os leitores que o dono do jornal a convidou para trabalhar como redatora, e assim teve início sua carreira de escritora. Mas o mais curioso dessa história é que depois de algum tempo, Rachel foi eleita e coroada rainha dos estudantes.

Em 1930, Rachel foi submetida a um tratamento pulmonar por suspeita de tuberculose, o que a obrigou a ficar algum tempo de repouso, período em que aproveitou para escrever *O Quinze*, seu primeiro romance. Ela conta que escrevia durante a noite, deitada de bruços no assoalho da sala, iluminada por um lampião de querosene. Esperava que todos da casa fossem dormir para começar a escrever, pois a mãe a mantinha em constante vigília por causa da saúde frágil.

Depois de o livro escrito, seus pais resolveram arcar com as despesas da publicação, e *O Quinze* teve sua primeira edição publicada de forma independente, com uma tiragem de mil exemplares, impressos no Estabelecimento Gráfico Urânia, em Fortaleza. A escritora enviou exemplares para o Rio de Janeiro e São Paulo e recebeu muitos elogios de importantes críticos da época, como Augusto Frederico Schmidt, Graça Aranha,

Agripino Grieco e Gastão Gruls, o que a consagrou como uma grande escritora da literatura brasileira. Nessa época, Rachel ainda não havia completado 20 anos.

A escritora foi a primeira mulher a entrar para Academia Brasileira de Letras e ocupava a cadeira número 5, para a qual foi eleita em 4 de agosto de 1977. Recebeu vários prêmios pelo conjunto de sua obra e foi traduzida para vários países.

Rachel de Queiroz morreu no Rio de Janeiro, em 4 de novembro de 1999 faltando treze dias para completar 93 anos.

Mergulho no livro

Na biografia de Rachel, tomamos conhecimento de que ela e sua família mudaram-se para o Rio de Janeiro em 1917, na intenção de fugir dos horrores que se abateram sobre o Ceará por ocasião de uma das piores secas que aquele Estado já viveu. Mesmo tendo somente 5 anos nesse período, é certo que alguns registros ficaram gravados em sua memória. Imagens que, muito provavelmente, ela vai recuperar na construção do seu romance.

Em março de 1915, a seca foi oficialmente declarada, e o governador comunicou ao presidente da República ser impossível arcar com a situação que se avizinhava; no entanto, somente em junho recursos foram enviados ao Ceará, que já se encontrava em estado de calamidade.

O escritor e farmacêutico cearense Rodolfo Teófilo, figura importantíssima nesse cenário de flagelo, escreveu na época: “O Ceará é uma terra condenada mais pela tirania dos gover-

nos do que pela inclemência da natureza. A seca é o seu mal congênito. De tempos em tempos, ataca-o, fere-o de morte.”

A economia da região nordeste ficou devastada nesse período, somente o estado do Ceará perdeu 680 mil cabeças de gado, 24 milhões de caprinos e ovinos, 210 mil cavalos, 243 mil suínos e mais de 30 mil pessoas. Um verdadeiro flagelo. E foi esse o cenário que Rachel de Queiroz, com apenas 19 anos, escolheu para seu primeiro livro.

Como se trata de uma produção literária posterior à Semana de Arte Moderna, os ecos da influência modernista se fazem presente, com o uso da oralidade e o apreço pela cultura brasileira, representada aqui pelo regionalismo. Uma resposta ao apelo de Mario de Andrade, quando em um manifesto pede aos autores para “abrasileirar o Brasil”. Rachel seguiu à risca e deu sua contribuição abrasileirando a literatura.

Além disso, Rachel, primeira mulher a escrever sobre a seca, traz ainda a novidade de colocar como protagonista também uma mulher, a professora Conceição, que não mede esforços para dirimir o sofrimento dos retirantes que chegavam fugindo da grande seca. Depois das suas atividades como professora, Conceição se dedicava inteiramente aos cuidados dos mais necessitados.

Nesse período, na cidade de Fortaleza foram construídos alguns abrigos para receber a população flagelada, locais que receberam o nome de Campos de Concentração, onde os retirantes eram cadastrados e alocados com suas famílias; no entanto, as condições eram péssimas, faltava água, alimenta-

ção, saneamento e assistência médica, levando à morte centenas deles. Vários historiadores denunciam que, por trás da aparente bondade dos governos locais, estava a cruel intenção de confinar nesses abrigos coletivos essa população pobre, maltrapilha e esfomeada, para que a população de Fortaleza ficasse protegida desses miseráveis.

O *Quinze* não é apenas mais um romance sobre a seca, mas sim uma denúncia pungente de quem conheceu de perto a situação dos retirantes nordestinos, e nesse sentido configura-se em importante material de pesquisa sociológica e antropológica para pensarmos as contradições entre dois Brasis: o arcaico e o moderno.

Filiado aos romances da geração de 1930, pode ser analisado à luz de um neorrealismo, cuja preocupação com o social não abre mão de uma elaboração estética e crítica, e por isso não se perde em descrições piegas, grotescas, tampouco na animalização dos pobres.

O romance trata da vida de duas famílias, a de Conceição e a de Chico Bento, que representam duas classes sociais distintas. Conceição, uma mulher muito à frente do seu tempo, não se coaduna com os padrões estabelecidos para as mulheres daquela época, que ansiavam pelo casamento como forma de realização pessoal. A professora não se permite perder tempo com as questões puramente domésticas, pois acredita que é seu dever contribuir para mudar a sociedade em que vive, para amenizar a dor dos que sofrem. Por isso não luta para concretizar sua união com Vicente, seu primo e seu primeiro amor.

Ele, por sua vez, também envolvido com as questões da seca e suas consequências nefastas, não tem tempo para correr atrás de Conceição, precisa lutar para salvar suas terras, seus animais, e não abandonar os que dele dependiam, como fizera Maroca, dona da fazenda onde Chico Bento trabalhava. Mulher descrita como sem coração por ter abandonado à própria sorte seus animais e seus empregados.

O romance nos coloca frente a frente com o sofrimento, com o choro faminto das crianças dos retirantes, com a precariedade da vida e com a crueza da morte. As desgraças permeiam toda a narrativa, mas os personagens não perdem a esperança. Conceição, depois de adotar um dos filhos de Chico Bento, seu afilhado, ajuda a família a ir para São Paulo tentar uma nova vida, e por fim os pingos grossos de chuva renovam a fé do povo sertanejo, na certeza de que cada vez é um recomeço.

Pré-leitura

É muito importante que os alunos sejam preparados e conquistados para a leitura do livro e para isso há muitas coisas que podem ser feitas.

1. Você pode começar estimulando seus alunos a contarem um pouco da própria história, da origem familiar, de onde vieram seus pais, seus avós etc. Perguntar se já ouviram falar das condições climáticas da região Nordeste, se conhecem alguma coisa sobre a seca, ou mesmo se tem alguém na família que tenha passado por essa situação.
2. Levar para a sala de aula as músicas *Triste Partida*, de Patativa do Assaré, e *Asa Branca*, de Luiz Gonzaga, e discutir a forma como esses compositores representam o tema.
3. Pesquisar na literatura de cordel o tema da seca e fazer um paralelo com o rap, na modalidade das Batalhas

de Rimas, muito semelhantes aos repentes da cultura nordestina.

4. Para complementar suas informações sobre a história da autora, você pode pedir que eles façam uma pesquisa nos sites dedicados à literatura, que tratam de livros, autores e leitores, como por exemplo o blog do Instituto Moreira Salles (<https://ims.com.br/titular-colecao/rachel-de-queiroz/>) e o site do Releituras (http://www.releituras.com/graciramos_bio.asp), um projeto sem fins lucrativos que divulga os escritores de literatura brasileira.

Pós-leitura

Por tratar-se de literatura regionalista, com predominância da oralidade, o vocabulário precisa ser muito bem trabalhado antes e depois da leitura do romance para uma melhor fruição do texto.

Depois desse primeiro trabalho com a linguagem, você pode dividir a turma em grupos e pedir que cada grupo escolha um conflito do livro para representar em forma de teatro. Pode ainda solicitar que eles selecionem os vocábulos e as expressões que mais lhes chamaram a atenção e criem seus próprios textos utilizando esse material. Pedir também que cada grupo crie um outro final para Conceição e Vicente.

A seguir, mais algumas sugestões que podem contribuir para um maior aproveitamento da leitura do romance:

1. Solicitar que os alunos escolham trechos do romance e os adaptem para poesia de cordel, com direito à exibição em varais de poesia.

2. Solicitar que eles criem um diálogo entre Chico Bento e Dona Maroca, cujo resultado seja a mudança de rumo na vida da família de Chico Bento.
3. Solicitar que escolham uma ou duas páginas de *O Quinze* e procurem reescrevê-las misturando as autorias: aluno e Rachel de Queiroz. Essa forma de interferir na escrita do autor é muito eficaz para a produção textual do aluno, já que ele não vai simplesmente reescrever a história com “suas palavras”, mas sim exercitar uma outra sintaxe, uma outra estrutura textual.
4. Elaborar uma reportagem de jornal sobre a seca. Essa reportagem pode conter imagens e entrevistas.
5. Pesquisar a situação atual da região Nordeste e verificar se houve ou não mudança em relação ao que foi escrito no romance.
6. Pedir que pesquisem as semelhanças e diferenças entre os campos de concentração do Nordeste e os da Segunda Guerra Mundial.
7. Exibir para os alunos os documentários *O centenário da seca: O campo de concentração* e *Retratos da seca*.
8. Solicitar que façam uma avaliação do livro, indicando ou não sua leitura e o porquê. Essa avaliação poderá ser feita em fichas que deverão ficar na biblioteca da escola.
9. Propor um trabalho em conjunto com os professores de Sociologia e de Geografia, como por exemplo um mapa da seca.

10. Propor, também, a criação de um mapa literário brasileiro que contemple os autores e os temas divididos por regiões.
11. Exibir filmes como: *Vidas secas*, uma adaptação do romance feita pelo diretor Nelson Pereira dos Santos, em 1963; *O caminho das nuvens*, de Vicente Amorim; *Central do Brasil* e *Abril despedaçado*, de Walter Salles; *Árido movie*, de Lírío Ferreira; e *O Auto da Compadecida*, de Guel Arraes.
12. Organizar com os alunos um evento literário com 2 mesas de debates abertas ao público. Como sugestão: *O papel do escritor na sociedade contemporânea e Possíveis diálogos entre Literatura, Geografia e Sociologia*. Essas mesas poderão ser compostas de professores da própria escola e/ou convidados externos.

Interdisciplinaridade

Interdisciplinaridade é um conceito dos meados da década de 1960, surgido na França, a fim de atender a reivindicações de ordem social, política e econômica que não encontravam respostas em uma única área de saber ou disciplina. No Brasil, a interdisciplinaridade aparece nas últimas Leis de Diretrizes e Bases (LDB) e nos Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação Nacional (PCNs).

Apesar de ser um conceito, atualmente, bastante conhecido, ainda encontramos resistência, aqui e ali, na utilização de métodos interdisciplinares em suas rotinas. O trabalho interdisciplinar exige planejamento coletivo, a fim de abarcar conteúdos e atender a objetivos de interesse de mais de uma disciplina.

As condições climáticas da região Nordeste têm a seca como principal fenômeno de afetação e determinação da vida do povo nordestino. Ela está presente mesmo quando se encontra

ausente, pois nos períodos de chuva, de vegetação verdejante, ela está à espreita, como sombra e ameaça à população nordestina. Trata-se de um fenômeno natural, caracterizado pelo atraso na precipitação de chuvas ou pela sua distribuição irregular, que acaba prejudicando o crescimento ou desenvolvimento das plantações.

De acordo com registros históricos, a seca aparece com intervalos próximos a dez anos, podendo se prolongar por períodos de três, quatro e, excepcionalmente, até cinco anos. Manifesta-se com intensidades diferentes, dependendo do índice de precipitações pluviométricas. Quando há uma deficiência acentuada na quantidade de chuvas no ano, inferior ao mínimo do que necessitam as plantações, a seca é *absoluta*.

O fenômeno ecológico da seca se manifesta na redução da produção agropecuária, provoca uma crise social e se transforma em um problema político. Daí ser fundamental agregar à leitura do romance *O Quinze* abordagens de disciplinas como História, Geografia e Ciências Sociais — mais precisamente, Sociologia e Antropologia. Disciplinas que se encarregam de pesquisar e refletir sobre o presente e o passado da humanidade, bem como sobre as relações sociais, históricas e econômicas que os homens estabelecem entre si e o meio em que vivem.

Os professores dessas disciplinas, conforme indicamos nas atividades de pós-leitura, podem, em conjunto, elaborar um projeto de aulas sobre o tema, tendo como ponto de partida o romance em questão.

Para saber mais...

Bibliografia

Referência

NAVARRO, Fred. *Dicionário do Nordeste*. Recife: CEPE, 2013.

Alguns livros da autora:

Andira. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2017.

A Casa do Morro Branco. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

Um alpendre, uma rede, um açude. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

Cafute e Pena-de-Prata. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

Memórias de menina. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

Xerimbabo. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

Lampião/ A Beata Maria do Egito. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

As três Marias. Rio de Janeiro: José Olympio, 2018.

O Quinze. Rio de Janeiro: José Olympio, 2018.

Geral

Anchieta, José. *Informações, fragmentos históricos e sermões*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.

Aristóteles. *Arte poética*. Lisboa: Guimarães Editores, 1964.

Bakhtin, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Bergson, Henri. *Matéria e memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Bosi, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Candido, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.

_____. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

Freyre, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Record, 1989.

Fischer, Ernest. *A necessidade da arte*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

- Gomes, Alfredo Macedo. *Imaginário social da seca*. Recife: Massangana, 1998.
- Hauser, Arnold. *História social da literatura e da arte*. v. II. São Paulo: Mestre Jou, 1972.
- Huberman, Leo. *História da riqueza do homem*. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.
- Hunt, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- Lima, Estácio. *O mundo estranho dos cangaceiros*. Salvador: Itapoã, 1965.
- Lombroso, Cesare. *O homem delinquente*. Porto Alegre: Ricardo Lenz, 2001.
- Lukács, Georg. *Realismo crítico hoje*. Brasília: Coordenada Editora de Brasília, 1969.
- Macedo, Nertan. *Capitão Virgulino Ferreira: Lampião*. Rio de Janeiro: Artenova, 1972.
- Manguel, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- Marcílio, Maria Luiza. *História social da infância abandonada*. São Paulo: Hucitec, 1998.
- Mesquita, Samira Nahid. *O enredo*. São Paulo: Ática, 1987.
- Moisés, Massaud. *A criação literária: poesia e prosa*. São Paulo: Cultrix, 2012.
- Patrocínio, José do. *Os retirantes*. v. II. Rio de Janeiro: Editora Três, 1973.
- Süssekind, Flora. *Tal Brasil, qual romance?* Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

TEÓFILO, Rodolfo. *A Seca de 1915*. Fortaleza: UFC, 1980.

Villa, Marco Antonio. *Vida e morte no sertão: história das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX*. São Paulo: Ática, 2000.

